

Vitivinicultura atrai a atenção de outros setores

A vitivinicultura argentina está em ebulição. A recente renovação do setor atrai novos investidores e o setor inclui de gigantes com produção de 30 milhões de litros por ano a pequenas vinícolas, voltadas para vinhos especiais.

Advogados, engenheiros, pilotos, industriais de outros setores e até sojicultores sentiram o gosto por esse setor.

"É um glamour", diz Santiago Santamaria, que trocou os campos de soja por uma pequena vinícola na província de Mendoza, a Melipal. "Alguns, no entanto, perdem dinheiro. Os investidores têm de estar preparados para o desafio e manter o projeto sustentável", diz ele.

Outros, já experientes no setor, trocam a assessoria às empresas pela produção própria. É o caso do sul-africano Hans Vinding-Diers. Aos 40 anos e já com 43 colheitas de uva realizadas nos hemisférios Norte e Sul, montou a vinícola Noemia em pleno deserto da Patagônia.

Aveso à tecnologia no processo de fabricação de vinho, Vinding Diers tem como parceira no projeto Noemi Marone Cinzano, que já possui uma vinícola na Toscana (Itália).

Vinding Diers não esconde o desejo de assumir o desafio de produzir vinho no Brasil.

Cada região argentina de produção é um microclima que garante vinhos diferenciados e com características especiais, segundo Rolando Luppino, enólogo da Pascual Toso.

No Norte do país, os vinhedos estão a até 3.000 metros de altura. Na região de Cuyo, de 650 m a 1.400 m, enquanto na Patagônia ficam a 400 metros.

O país possui 230 mil hectares de vinhedos e uma das grandes vantagens são os baixos custos das lavouras.

Pouca chuva, clima seco e ventos dificultam o desenvolvimento de doenças. Já a grande amplitude térmica, com calor durante o dia e frio à noite, dá condições especiais para a maturação da fruta.

A favor, ainda, a Argentina tem a boa adaptação de variedades de uva como a malbec.

A vitivinicultura argentina vive, no entanto, uma série de dificuldades advindas da instabilidade da própria economia do país: câmbio, inflação, custos de matéria-prima e falta de crédito. Se repassar custos para preços, perde mercado; se não repassar, perde margem.

O país tem 1.332 vinícolas, das quais 400 estão aptas a exportar.

Clima não favorece vinho tinto brasileiro

O Brasil poderá ser um grande produtor de vinho fino? Se questionados sobre isso, os argentinos fazem uma pausa e destacam a qualidade do vinho branco e dos espumantes brasileiros. No caso dos tintos, dizem que o país vem obtendo avanços, mas admitem que, nesse caso, "Deus não foi brasileiro".

A natureza não premiou o país, pelo menos nas principais regiões produtoras, onde chove muito. Além de elevar os custos de produção, a qualidade da uva pode ser prejudicada em períodos climáticos adversos.

Alguns arriscam até dizer que o país nunca será um grande produtor. É o caso de Guillermo A. Barzi, da Humberto Canale. Já Guillermo Barzi, seu filho, pensa o contrário e destaca a evolução do Brasil no setor de vinhos. "Já tomei bons vinhos por lá."

Para Suzana Balbo, presidente da Wines of Argentina, o Brasil tem bom potencial para os espumantes, mas o excesso de chuva não garante a qualidade dos vinhos tintos obtida na Argentina.

Sebastián Olalla, da vinícola Sottano, diz que os brasileiros amadureceram e começam a exigir vinhos de melhor qualidade. As indústrias vão ter de acompanhar.

Para Javier Ruaro, já se faz coisas interessantes no Brasil, mas a indústria tem de descobrir o estilo que quer e para onde ir. Uma das batalhas é contra o preconceito com o vinho nacional. "Daqui a 10 ou 15 anos, o Brasil já estará no nível do Uruguai."

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 mar. 2010, Dinheiro, p. B20.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais